

# REVOADA

LILIA ALBUQUERQUE VELLOZO



## A Volta

Os pezinhos batendo na calçada num passo firme e ritmado: um, dois, um, dois...

A cabecinha cheia de sonhos, de planos para o futuro, um futuro que ainda estava tão distante...

Teria que crescer muito até chegar a ser um “homem”, mas, de uma coisa estava certo - havia de ser soldado algum dia!...

Um soldado forte e garbooso, como aqueles que ele vira na parada de “7 de Setembro”.

Foi uma manhã emocionante aquela em que o levaram para assistir o grande desfile.

Acordou bem cedo ouvindo o barulho dos aviões que cruzavam o céu e o rufar dos tambores lá ao longe. A mamãe deu-lhe o terninho novo para vestir e nunca ele se arrumou tão depressa e com tanto entusiasmo.

No desfile tudo o encantou. Vibrou diante dos batalhões, admirando os soldados que marchavam com tanto garbo, as suas fardas vistosas. Sentiu a pele arrepiar-se quando apareceram os pelotões de cavalaria, numa impressionante demonstração de perícia e arrojo daqueles que montavam tão destros e soberbos animais.

E, desde então, Nardinho nunca mais deixou de pensar em ser soldado.

No Natal ganhou um tamborzinho; foi o último presente de sua mãe que faleceu pouco tempo depois. Por isso, significava tanto para ele, que não esquecia as palavras dela ao entregar-lhe:

- Nardinho, você quer tanto ser soldado. Se algum dia teu desejo se realizar, de onde eu estiver, quero sentir orgulho de você!...

\*\*\*\*\*

Na hora do trabalho seu tamborzinho ficava guardado. Era o que estava acontecendo agora. No braço, carregava uma cesta coberta com um pano muito branco contendo caramelos e bolinhos de mel confeitados. Regalos para os olhos gulosos das crianças e também uma gostosura para o paladar dos adultos. Tia Lina fazia-os muito bem e ele saía a vendê-los. Já tinha os fregueses certos, voltava sempre com a cesta vazia.

Acabava de sair de casa e seguia pela calçada distraído, marcando o passo; um, dois, um, dois,...quando o moço que estava parado na esquina à poucos passos de distância, fez-lhe sinal para que se aproximasse. Ao chegar diante do moço, Nardinho descobriu a cesta e ofereceu:

- Caramelos ou bolinhos de mel?

E assentou os olhinhos brilhantes como duas contas azuis, na figura simpática que lhe sorria de maneira afável.

- Ó não, não, obrigado. Eu quero apenas falar com você, vi quando saiu daquela casa, mora lá?

- Moro sim senhor, com minha tia.

E o menino ficou esperando que o moço lhe fizesse outras perguntas.

Leonardo, porém, abstraíra-se. Tanta dúvida, tanta incerteza afligiam seu coração naquele instante.

Já fazia tanto tempo que se ausentara da cidade, mais ou menos uns sete ou oito anos. Talvez naquela casa já morasse outra família e aquele menino nada tivesse a ver com Dóris...

Em tantos anos, a lembrança da antiga namorada jamais perturbara sua tranqüilidade. Mas, com seu retorno à cidade natal, revendo lugares queridos, as recordações do passado tornaram-se de repente tão imperiosas, tão presentes em sua memória.

Saíra do hotel bem cedinho, percorrendo a pé as ruas ainda silenciosas. Seus passos levaram-no até o parque, onde

tantas vezes passeara com Dóris. E de repente, inadvertidamente, encontrava-se ali nas proximidades da casa da jovem.

O que fora feito de Dóris? Eram tão jovens naquele tempo! Dóris significava tanto para ele. Todavia, depois que partira, a lembrança da namorada apagara-se de seu coração como a chama de uma vela - com um sopro...

E ele acreditara que esse amor fosse imperecível!

Como pudera viver tanto tempo enclausurado em seu egoísmo, em suas ambições, esquecido de seus sentimentos, de seus sonhos?!

Empolgado pelo êxito profissional, pela carreira em ascensão, só tivera um objetivo em todos esses anos: subir, subir na vida, alcançar uma posição invejável na sociedade. E assim, mergulhara na aridez de uma vida material, onde não houvera tempo para as recreações do espírito e do coração - onde não houvera tempo para pensar em Dóris!

- Bem, moço, preciso ir, tenho que entregar esses doces.

A voz do menino chamou-o à realidade.

- Ó, espere um instante, preciso ainda falar com você - disse Leonardo, passando a mão pelos cabelos encaracolados do menino. E nesse instante, alguma coisa naquela criança o comoveu. Olhava-o detidamente, com infinita simpatia, perscrutando suas feições, cada traço de seu rosto que se lhe afigurava tão familiar.

Precisava indagar, saber mais a respeito daquele menino; talvez então, pudesse descobrir algo sobre Dóris.

- Você me disse que mora com tua tia... e tua mãe?...

- Mamãe morreu depois do Natal... logo depois. No Natal ela me deu um tamborzinho. Eu gosto muito de marchar, algum dia vou ser soldado...

Ele não sabia precisar bem as datas, quantos meses fazia que sua mãe havia falecido, só sabia que fora depois do Natal. Guardara aquela data porque fora a última festividade

que passaram juntos.

- Sabe moço - continuou dizendo - eu fiquei muito triste quando minha mãe morreu, chorei muito...e ainda choro de noite quando penso nela...é uma coisa que dói muito, aqui dentro...e parece que vai sufocar a gente...

Nardinho levou a mão ao peito, enquanto seus olhinhos enchiam-se de lágrimas.

Leonardo pegou a mão do menino e apertou-a.

- Sinto muito o que aconteceu. Você é um menino valoroso, vai ter forças para vencer esse sofrimento.

- Antes de minha mãe morrer, minha tia não precisava fazer doces para vender. Mamãe trabalhava num escritório e o dinheiro chegava. Mas, quando ela ficou doente, foi preciso chamar o médico e gastar muito dinheiro com remédios... Tia disse que é por isso que precisa fazer doces, para pagar as dívidas.

Leonardo sentiu muita pena. Era estranho, mas o sofrimento daquela criança lhe tocava fundo o coração.

- Diga-me uma coisa, e teu pai não toma conta de você?

- Eu não conheci meu pai. Mamãe disse que ele morreu quando eu era bem pequenininho. Mas ela não gostava de falar nisso e sempre dizia quando eu perguntava: "Não vamos falar de coisas tristes, você tem a mamãe que te ama tanto...".

- Sinto muito, sinto muito - murmurou Leonardo - como se falasse consigo mesmo.

E de repente, aquela idéia lhe ocorreu. Talvez fosse um absurdo, mas ele temia formular a pergunta que poderia tirá-lo daquela dúvida.

Parecia uma pergunta tão simples, no entanto, ele a fez com tanta ansiedade, com tanto receio...

- Como chamava-se tua mãe?

E a resposta veio clara e precisa, magoando a alma daquele moço.

- Mamãe se chamava Dóris...

- Dóris?!... -Então, era mesmo Dóris a mãe desse menino? E, estava morta?!... - interrogava-se Leonardo, não querendo convencer-se da veracidade dos fatos. Ainda há pouco, ele alimentava a esperança de que seus pressentimentos fossem infundados.

E agora? O que restava?

Diante dele, aquele menino, filho de Dóris, trazia-lhe de volta um passado, que se tornara de repente assustador e cruel, onde a imagem da mulher que ele amara surgia como um fantasma, como o espectro dos seus sonhos.

Sentiu necessidade de afastar-se dali, de estar só, de fugir da presença daquela criança.

Mas ficou ainda alguns instantes parado em silêncio, procurando se refazer daquele abalo.

Uma sombra de desgosto lhe obscurecia os olhos claros.

- Vamos nos despedir agora - disse afinal - tenho muito que fazer, muitos negócios a tratar.

O menino estendeu-lhe a mão sem dizer palavra, com ar tristonho e pensativo.

Leonardo afastou-se apressado, sentindo um aperto no coração, uma sensação inexplicável de vazio e desesperança. Porém, mal dera alguns passos, e já o menino corria atrás dele chamando-o:

- Moço, moço, espere aí, posso ir andando com o senhor? Acho que vamos do mesmo lado...

Leonardo parou, e passando o braço em volta do ombro do pequeno, disse:

- Vamos andando.

- Nós somos amigos agora, não é moço?

- Claro que somos.

- Eu gosto muito de ser amigo de um moço bacana como o senhor...

- Verdade?

- Verdade sim! Deve ser bom ter um pai como o